

DESLIZAMENTO DE ENCOSTAS E (FALTA DE) PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE NOVA FRIBURGO/RJ

Flávia Marcella Monteiro de Carvalho Pedrosa – graduanda da UFPB (PIBIC/CNPq) -

flaviamarcella@hotmail.com;

ABSTRACT

The city of Nova Friburgo is located in the mountain region of the Rio de Janeiro state, and it goes periodically through rainy seasons. As these rains have strong intensity, its consequences are usually disastrous. There is a history of floods and hillsides sliding, registered since 1820. This paper intends to work with the things that happened in January of 2007, when eleven people died victims of the hillside sliding. To treat the facts was made a bibliographic research on the local newspaper, A Voz da Serra, which registered all that happened on the rainy days: the hillside sliding, what did affected the population. The huge amount of rain in that period was so big that the urban soil saturated in some points, leading to hillside sliding. The city hall asked the federal government for help, but the help offered wasn't enough. It comes to conclusion that the lack of urban planning might have been the main cause that these slidings affected so many people, since they were living in areas of imminent risk.

Key-words: hillside sliding, urban planning, rain, geomorphology

RESUMO

A cidade de Nova Friburgo se localiza na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, e passa periodicamente por estações chuvosas. Como estas chuvas possuem forte intensidade, suas conseqüências costumam ser desastrosas. Há um histórico de enchentes e deslizamento de encostas, registrado desde 1820. O trabalho em questão vem tratar dos acontecimentos de janeiro de 2007, quando 11 pessoas morreram vítimas do deslizamento de encostas. Para enumerar os fatos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir do jornal local, A Voz da Serra, que registrou tudo o que aconteceu: os dias de chuva: os deslizamentos, o que afetou a população. A grande quantidade de chuva deste período foi tão grande que o solo urbano saturou em algumas localidades, levando a desabamentos. A prefeitura recorreu ao governo federal, mas a ajuda oferecida foi pouca. Chega-se à conclusão que a falta de planejamento urbano pode ter sido a principal causa de esses deslizamentos terem atingido tantas pessoas, já que elas estavam morando em áreas de risco iminente.

Palavras-chave: deslizamento de encostas, planejamento urbano, chuva, geomorfologia.

1. Introdução

Nova Friburgo é uma cidade localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, com menos de 200 mil habitantes, e tem como principais atividades econômicas a indústria têxtil e o comércio de flores.

A região serrana do Estado do Rio de Janeiro possui/enfrenta períodos de fortes chuvas, principalmente no verão. Em dezembro de 2006 e janeiro de 2007, a cidade acima referida passou por algo incomum: a chuva foi constante por vários dias. Depois desse período registraram-se consideráveis deslizamentos de encostas e prejuízos para a população.

O presente trabalho se propõe a estudar as causas e conseqüências dessas chuvas através da pesquisa em publicações do jornal local *A Voz da Serra* e através também da vivência da autora, que se encontrava na cidade na época mencionada.

3. Metodologia

Este trabalho se baseou em pesquisa feita no jornal local, *A Voz da Serra*. Foram analisados os jornais dos dias 09 a 30 de janeiro de 2007, levando em consideração as reportagens relevantes sobre os acontecimentos resultantes das chuvas. Esses artigos de jornal foram devidamente catalogados, para facilitar a leitura e a comparação de dados. Foram utilizadas também fotos tiradas nos locais atingidos para ilustração dos deslizamentos.

Também foi levado em consideração a presença direta da autora, que esteve na cidade durante os dias 30 de dezembro de 2006 e 9 de janeiro de 2007.

Fez-se uma pesquisa bibliográfica sobre planejamento urbano, planos diretores e processos espaciais, além de uma necessária leitura sobre deslizamentos, movimentos de massas, hidrografia e outros assuntos mais aprofundados da geomorfologia.

4. Breve histórico da cidade de Nova Friburgo

O município de Nova Friburgo localiza-se no centro-norte fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Ele compreende sete distritos, e sua área territorial se estende por 933 km² (IBGE). A população total da cidade, em 2007 (IBGE), era de 177.376 habitantes. A população urbana era de 151.820 habitantes, ou seja, a grande maioria da população.



Figura 01: mapa de localização de Nova Friburgo (Fonte: <http://www.ieadcnf.org.br/imagens/mapafriburgo02.jpg> Acessado em 22 de junho de 2008.)

A cidade surgiu a partir de uma colônia de suíços criada pelo governo brasileiro para promover e aumentar a civilização do Reino do Brasil, a partir de 1820. Além disso, Friburgo foi uma das colônias formadas com o intuito de “branquear” a população brasileira: os escravos vindos da África se multiplicaram de maneira inesperada, de modo que a população negra estava quase igual à população branca. Dessa forma, o governo promoveu a imigração de europeus para poder aumentar o número de brancos no Brasil.

Seu desenvolvimento se deu primeiramente no vale do rio Bengualas (e em um vale no meio de uma cadeia montanhosa) para depois a população começar a se dirigir para áreas mais montanhosas e em terrenos menos propícios para construção (início do século XX).

Por se localizar em área serrana, o município registra um alto índice de pluviosidade. Essa quantidade de chuva às vezes tende a aumentar ainda mais, normalmente no verão, causando vários problemas de infra-estrutura.

Desde a sua fundação, em 1820, a cidade convive com a problemática de enchentes. Em 1926, o jornal A Paz publicou:

As encostas de seus vales, em geral muito íngremes e despidas de vegetação, devido às constantes queimadas e derrubada da mata para extração da lenha, oferecem fácil descida às águas, as quais quando abundantes se precipitam pelo talweg alterando completamente o regime de vazão de todo o sistema (Araújo, 2003)

O jornal local (A Voz da Serra) publicou uma matéria chamada “Ontem e hoje, os estragos das chuvas de verão”, trazendo o histórico das enchentes ocorridas na cidade:

Situada num vale, cercada de montanhas, Nova Friburgo sempre sofreu com as chuvas de verão. Os rios já transbordaram, passando sobre a amurada das pontes e tomando conta de toda a Praça Getúlio Vargas. A diferença é que antigamente os temporais não chegavam a deixar pessoas desabrigadas e, muito menos, matavam alguém. Por quê? A resposta é simples: a Nova Friburgo daquele tempo não estava ainda cheia de loteamentos, assim como não havia construções ribeirinhas. O progresso não havia chegado ainda à nossa – então – pequena cidade.

Em 1941, Nova Friburgo enfrentou uma das maiores enchentes de sua história. Na época a população era de 30 mil habitantes, mas ninguém morreu. As águas tomaram a praça e o rio chegou a passar por cima dos umbrais das pontes, mas os prejuízos foram apenas materiais. De lá pra cá, porém, a cidade mudou muito, construíram-se casas nas zonas ribeirinhas e também nas encostas, de modo totalmente indiscriminado. Chegaram os loteadores e a geografia da cidade foi modificada.

Os temporais comuns nos meses mais quentes do ano passaram a fazer estragos cada vez maiores. Em fevereiro de 1979, uma chuva que durou apenas uma noite deixou a cidade arrasada moral e fisicamente, matando 60 pessoas. Pela primeira vez em sua história, Nova Friburgo enfrentava um drama com conotações tão trágicas. No Cemitério São João Paulo Batista os corpos chegavam enrolados em lençóis e o povo, atônito, chorava seus mortos. Uma imagem que os friburguenses nunca vão esquecer.

Houve transbordamento de rios, queda de barreiras, um enorme pesadelo tomou conta dos friburguenses. A chuva deixou mais de mil pessoas desabrigadas e centenas de casas condenadas por barreiras ou desabamentos. Na maioria dos edifícios próximos ao Bengalas as cisternas foram invadidas pelas águas e ficaram contaminadas. Esta enchente foi notícia em todos os jornais do país. Não foi a pior enchente enfrentada pelos friburguenses, mas com certeza representou o preço maior do progresso a qualquer custo. (Jornal A Voz da Serra, 13 a 15 de janeiro de 2007, p.10)

Em 1996 ocorreu uma grande enxurrada (grande volume de água em poucas horas) que provocou o transbordamento de alguns rios e deixou milhares de pessoas desabrigadas; as pessoas que moravam próximo aos rios tiveram que sair de casa, pois em alguns lugares a água chegou ao teto das residências.

O Natal da chuva

O Natal de 1996 entrou para a história de Nova Friburgo como o Natal da chuva, da lama e da tragédia. Um Papai Noel às avessas. Em quatro ou cinco horas de temporal três vidas foram levadas pela correnteza. Além dessas três mortes, mais de 200 pessoas ficaram desabrigadas. Os prejuízos foram incalculáveis.

O município ficou submerso, inundado e devastado pela água e pela lama. As águas dos rios Cônego, Santo Antônio e Bengalas ganharam uma força fenomenal, deixando rastros de destruição por onde passavam. Não houve

privilégio para ricos ou pobres. Quem estava no caminho não foi poupado. Do Cônego a Conselheiro Paulino, da Ponte da Saudade ao Centro, de Olaria a Duas Pedras, tudo naufragou sob a correnteza. A zona rural e as estradas de acesso ao município foram muito atingidas. A RJ-116 ficou interditada por mais de dez horas.

. (...) (Idem)

5. Os acontecimentos de janeiro de 2007: a história se confirma

A chuva começou no sábado, dia 30 de dezembro de 2006. E assim continuou: apesar de não ser uma chuva forte, ela não parou. No dia 04 de janeiro de 2007, uma quinta-feira, começaram a aparecer as primeiras conseqüências do excesso de água, como o deslizamento de barreiras. No dia seguinte a Defesa Civil não parou de atender a chamados, todos eles envolvendo desabamentos, deslizamentos de encostas e até desmoronamento de casas.

A chuva continuou até o sábado, dia 06, apesar de nesse dia começar a enfraquecer. No domingo, a precipitação recomeçou; a despeito de ter havido uma pequena trégua, esta não foi suficiente: o solo estava saturado com a quantidade de água que se infiltrou nos últimos sete dias e os deslizamentos continuaram, como se pode ver na foto 01.



Foto 01: Deslizamento de encosta no distrito de Riograndina, em janeiro de 2007 (Foto: da autora)

A partir de então, não só Nova Friburgo, mas quase toda a região serrana do Rio de Janeiro começou a lidar com os resultados da chuva (desabamentos, deslizamentos, enchentes, pessoas desabrigadas e desalojadas).

Foi possível observar que a população pobre, habituada a esse tipo de acontecimento, começava a se mobilizar para ajudar as vítimas:

População pode aderir a campanhas para ajudar desabrigados das chuvas.

Diversas campanhas estão sendo realizadas por instituições do município, a fim de arrecadar donativos para os mais de 500 desabrigados pelas chuvas. As doações prioritárias são alimentos não perecíveis, roupas, materiais de limpeza e higiene pessoal, fraldas descartáveis e leite. (Jornal A Voz da Serra, 9 de janeiro de 2007)

Em toda a região serrana foi considerável o número de vítimas, como apontado abaixo (A foto 02 ilustra um dos deslizamentos ocorridos no bairro de São Geraldo, um dos bairros em que ocorreram vítimas fatais).

Mais vítimas fatais das chuvas: agora são 20 mortos na região.

(...) As primeiras ocorrências com vítimas fatais aconteceram em dois dias, entre a tarde de quinta, 4, e a madrugada de sexta-feira, 5. Até o fim da tarde de sexta-feira dez pessoas tinham morrido nos desabamentos em São Geraldo, no Jardimlândia, no loteamento Floresta e um homem ainda não identificado foi encontrado no Rio Bengalas. Em São Geraldo, cinco pessoas morreram na estrada quando um barranco deslizou. Parte da terra já havia cedido na quinta-feira, 4, mas o tráfego estava liberado em meia pista. Quando tentavam passar por um atalho próximo a imóveis interditados, um novo deslizamento os surpreendeu. (Jornal A Voz da Serra, 9 de janeiro de 2007, p.9)

Abaixo, a foto dos deslizamentos no bairro de São Geraldo, próximo ao local onde faleceram três pessoas soterradas dentro de casa.



Foto 02: Deslizamento de encosta no bairro de São Geraldo, em janeiro de 2007 (Foto: da autora)

É possível enumerar, de acordo com a matéria intitulada “Aumenta número de desabrigados, barreiras e de casas interditadas” (ilustração na foto 03), os seguintes resultados:

Nova Friburgo não pára de contabilizar prejuízos com a tragédia das chuvas. Com mais um temporal na noite de terça-feira, o número de ocorrências no município chegou a 790, segundo a Defesa Civil. (...) O número de barreiras também subiu: de 417 para 446. O município contabiliza ainda 759 desabrigados e cerca de 1.203 pessoas desalojadas. A Secretaria Municipal de Assistência Social já arrecadou mais de dez toneladas de alimentos e roupas para as vítimas da catástrofe, mas ainda é preciso materiais de limpeza e higiene pessoal para os desabrigados assistidos em escolas e creches municipais. (Jornal A Voz da Serra, 11 de janeiro de 2007)

Abaixo, uma das casas interditadas pela Defesa Civil por risco de desabamento.



Foto 03: Casa interditada no distrito de Riograndina, em janeiro de 2007 (Foto: da autora)

Depois de contabilizados os prejuízos da cidade, o governo federal liberou verba para obras emergenciais em todo o estado do Rio de Janeiro. Infelizmente, os recursos disponibilizados não foram suficientes para poder se realizar a recuperação da cidade.

Pode-se então começar a dimensionar os estragos provocados pelo excesso de chuva. A matéria a seguir, “Mais chuva, mais rastro de destruição”, aponta os dados de interdição de moradias e número de pessoas desabrigadas, nos lugares mais atingidos. A data dessa reportagem é de 17 de janeiro, ou seja, após 17 dias de chuva a destruição ainda continuou.

(...) Segundo relatório da Defesa Civil, das 1.134 pessoas desabrigadas até ontem, 655 eram adultas e 479 crianças. O município registrava 11 vítimas fatais, dez delas com a morte provocada por quedas de barreiras e de casas.

Ocorrências: a Defesa Civil informou ontem que, nos 15 primeiros dias de 2007, constatou a queda de 471 barreiras, 27 quedas de muros, 27 rachaduras de solo, 11 rolamentos de pedras com risco para imóveis e vias públicas e 13 desabamentos de casas. (Jornal A Voz da Terra, 17 de janeiro de 2007, p.9)

A entrevista que vem a seguir foi realizada com Roberto Vianna, secretário municipal de Meio Ambiente. Ele pretende explicar (ou ao menos tentar justificar) o motivo de todos estes acontecimentos. O principal argumento utilizado foi com base nos loteamentos irregulares, como pode ser observado.

A Voz da Serra – Existem soluções para o problema das encostas em Nova Friburgo?

Roberto Vianna – Esta questão é bem complicada de resolver, tecnicamente é algo muito caro. A verdade é que Nova Friburgo brincou um pouco com a sorte. Desde a minha vinda para cá, em 1979, pude constatar que este é o maior problema de Nova Friburgo e uma situação que foi criada ao longo da história do município. Com poucos espaços adequados à ocupação urbana, os moradores acabaram construindo suas casas nos lugares errados, isto é, nas calhas dos rios e embaixo das encostas. Enquanto a população tinha um determinado tamanho, dava para conviver e não sofríamos tanto com as chuvas. A partir do momento em que o número de habitantes foi crescendo e a área permaneceu a mesma, as pessoas começaram a construir nos morros. Aí é que o problema se agravou.

AVS – De quem seria a culpa por esta ocupação desordenada?

RV – O que provoca todas estas coisas são os loteamentos e construções irregulares e clandestinos. Alguns não têm nenhuma estrutura, são totalmente ilegais. Sem falar nas invasões que começam com uma casinha atrás do morro, por detrás da árvore, depois vem outra, quando se vê o loteamento já está instalado. Eu sei que falando isso muita gente vai ser contra mim, mas a verdade é que durante muito tempo faltou seriedade na condução e aprovação de loteamentos. A gente já tinha passado por isso outras vezes, esqueceu e continuou fazendo a mesma coisa. Agora, loteamentos inteiros tiveram que ser interditados, pois aqueles moradores construíram onde não podiam. Agora estamos pagando caro por isso. Jardimlândia já havia sido afetado em 1979, mas as construções continuaram. No Maringá, idem, assim como no Jacina e em tantos outros locais. O próprio distrito de Riograndina, que era um lugar tão bonito, ficou destruído.(...)

AVS – O senhor acredita que com o Plano Diretor e uma fiscalização mais rigorosa os problemas de desabamento diminuiriam?

RV – Ao longo destes seis anos de governo, aprovamos pouquíssimos projetos de parcelamento de terra e loteamentos, todos eles conforme determina a lei. Passamos a ser muito exigentes e sofremos uma pressão muito grande por causa disso. Mas a gente tem as heranças. Loteamentos que foram aprovados com 400 lotes e sem infra-estrutura alguma. Começamos a apertar e a dizer não, porque Nova Friburgo não suportava mais esta carga. Hoje contamos com o Plano Diretor que diz onde se pode e não se pode construir, mas antes não podíamos contar com isso. Agora passamos a exigir até laudo geológico das áreas que serão parceladas, pois em alguns loteamentos a terra inteira correu e as casas foram para o meio da rua. (...) (Jornal A Voz da Serra, 25 de janeiro de 2007, p3)

Em contrapartida, pode-se analisar algumas falas da prefeita da cidade. É necessário chamar a atenção para os pontos agora grifados:

Casas não poderão ser feitas na periferia

A prefeita Saudade Braga disse também que a Prefeitura tem encontrado muita dificuldade para selecionar as áreas para construção das casas, devido à lei federal que proíbe a expansão de edificações a menos de 50 metros de margens de rios e córregos. "Recentemente, visitei uma área ideal para construções num terreno da Fábrica de Filó, mas no meio dele há um córrego que inviabiliza o projeto. Só autorizarei as obras em locais já drenados, seguros e que estejam dentro da área urbana. Não podemos pegar essas pessoas e colocá-las numa periferia onde não haja serviços, escolas e comércio próximos. No fim das contas sairá caro, pois a Prefeitura terá de dotar essa área de toda a infra-estrutura", observou a prefeita. (Jornal A Voz da Serra, 27 a 29 de janeiro de 2007, p12; grifo da autora)

Até hoje, em junho de 2008, não foi encontrado registro de nenhuma casa construída pela prefeitura para os desabrigados por essas chuvas.

A partir de fevereiro, a vida na cidade começou a se normalizar: as pessoas aos poucos voltaram aos seus afazeres do dia-a-dia, os acessos aos bairros foram sendo liberados, os ônibus voltaram a circular pelo trajeto tradicional. A população foi, paulatinamente, esquecendo o que aconteceu, e a rotina retomou seu curso normal e nem mesmo o carnaval foi suspenso.

6. Considerações finais

A principal causa de todos os problemas acima descritos e analisados (deslizamentos, desabamentos e mortes) é o crescimento desordenado da cidade (a partir de loteamentos irregulares, em áreas impróprias e sem estrutura); Junte-se a isso uma falta de fiscalização do poder público, e o resultado possivelmente será uma nova enchente a cada ano que se passa, com a repetição das tragédias noticiadas.

Depois de 1996, começou a ser feito um canal de drenagem no Rio Bengalas (com ajuda de recursos estaduais), mas a obra só foi realizada em um pequeno trecho do rio, no local onde ele corta a avenida principal da cidade, no centro. Neste local o rio não transbordou em 2007, mas em compensação, em Conselheiro Paulino, logo adiante no percurso do rio, praticamente todas as ruas foram inundadas. Ou seja, a obra deveria ser feita em toda a área urbana do rio Bengalas, para se evitar que isto se repita.

Depois de vários anos convivendo com essa realidade, parece inadiável tratar com alguns detalhes: as enchentes e os deslizamentos de encosta são recorrentes; a Defesa Civil

interdita algumas casas, mas logo outras são construídas no mesmo local; a Prefeitura continua com medidas paliativas, somente nas épocas de tragédias; grande parte da população não se mobiliza para tentar mudar esta realidade.

O ideal seria uma intervenção direta nas áreas de risco (encostas, vales de rios), retirando a população destes locais e as colocando em locais mais seguros; é visível a falta de um planejamento urbano, o que evidencia a importância deste, assim como a necessidade da implantação de um Plano Diretor.

Por último, as enchentes e os deslizamentos são fatores naturais e tendem a se repetir: o problema começa quando a população resolve se instalar em locais de risco (para ela mesma).

Assim, se não houver uma forte campanha para conscientização da população e alteração do comportamento do poder público (tanto municipal quanto estadual e federal), o drama continuará se repetindo, atingindo sempre aquela que mais sofre: a população carente.

Bibliografia

ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorje Miguel (coord.). **Teia Serrana: formação histórica de Nova Friburgo**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. Série Princípios, 174.

GUERRA, Antonio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

JACCUD, Raphael Luiz de Siqueira. **História, contos e lendas da velha Nova Friburgo**. Rio de Janeiro: Múltipla Cultural, 1999.

Jornal A Voz da Serra.

SOBRINHO, José Freire; CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **Cidade educadora e meios de comunicação: o jornal como fonte de pesquisa e instrumento didático-pedagógico**. Mimeo.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **ABC do desenvolvimento urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

<http://www.ieadcnf.org.br/imagens/mapafriburgo02.jpg> Acessado em 22 de junho de 2008.